

APRESENTAÇÃO FOREWORD

FLORESTAN FERNANDES: 100 ANOS

Eliane Veras Soares¹
Diogo Valença de Azevedo Costa²
Remo Mutzenberg³

Em 22 de julho de 2020 celebramos nas ciências sociais brasileiras o centenário de nascimento daquele que foi consagrado Patrono das ciências sociais no Brasil. A data de 22 de julho foi instituída, por lei em âmbito federal, como o “Dia do(a) Cientista Social”. Neste mesmo ano, 2020, celebra-se ainda o centenário de dois outros importantes cientistas sociais, o reconhecido economista Celso Furtado e o sociólogo Luiz de Aguiar da Costa Pinto. Para completar o quadro de efemérides centenárias, podemos acrescentar a poeta-escritora Clarice Lispector e o poeta João Cabral de Melo Neto. Ano muito especial parece ter sido aquele, 1920, em que o Brasil estava prestes a tomar conhecimento da Semana de Arte Moderna, do Movimento Tenentista, desaguando nos

¹ Professora Titular do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Líder do Grupo “Sociedade Brasileira Contemporânea: cultura, democracia, pensamento social”- DGP-CNPq. Coordenadora da pesquisa “Florestan Fernandes e os dilemas sociais brasileiros: história do tempo presente”. Autora de *Florestan Fernandes, o militante solitário* (São Paulo, Cortez, 1997). E-mail: eliane.soares@ufpe.br

² Professor Associado 2 da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (CAHL/UFRB). Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Integrante da pesquisa “Florestan Fernandes e os dilemas sociais brasileiros: história do tempo presente”. Autor de diversos artigos, entre eles, “Homenagem a Florestan Fernandes”, uma sociologia do impossível (*Novos Olhares Sociológicos*, 2020). E-mail: valencadiogo@ufrb.edu.br

³ Professor Associado 4 do Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Integrante da pesquisa “Florestan Fernandes e os dilemas sociais brasileiros: história do tempo presente”. Vice- líder do Grupo “Sociedade Brasileira Contemporânea: cultura, democracia, pensamento social”- DGP-CNPq. Autor de diversos artigos, entre eles, “Conhecimento sobre ação coletiva e movimentos sociais: pontos para uma análise dos protestos sociais em África” (*Sociedade e Estado*, 2015). Organizador, com Eliane Veras Soares, dos livros *África Brasil no século XXI* (Editora UFPE, 2019) e *Literatura, pensamento social e movimento de mulheres* (Editora UFPE, 2019). E-mail: remutz@gmail.com

acontecimentos que levaram à Revolução de 30, à Revolução Constitucionalista de 1932 e à criação da Universidade de São Paulo, pelas elites empresariais locais em 1934.

Florestan Fernandes - filho de Dona Maria Fernandes, uma imigrante portuguesa, saída da região do Minho, como tantos outros, “tangida pela fome” - nasceu na condição de filho da empregada doméstica analfabeta, na casa da família Bresser de Lima, na Rua Celso Garcia, na efervescente São Paulo dos anos 20 do século passado - pai desconhecido. Estas foram as credenciais originais do menino, chamado pela madrinha de Vicente, que, sem ter estudos regulares, frequentou o curso supletivo Madureza e ingressou no curso de Ciências Sociais na Universidade de São Paulo, em 1941, para de lá sair aposentado compulsoriamente por força do arbitrário Ato Institucional n. 5 (AI-5), em abril de 1969, aos 49 anos de idade, no ápice de sua carreira acadêmica, tendo já revolucionado o campo das ciências sociais no Brasil.

Entretanto, longe de ter encerrado a sua trajetória intelectual com a aposentadoria compulsória e a proibição de publicar, de manifestar-se publicamente e, ainda, de ministrar aulas em qualquer instituição no território nacional, Florestan Fernandes vivenciou um difícil processo de radicalização da sua atuação como intelectual seja publicando obras de interpretação da sociedade brasileira – como a incontornável *A revolução burguesa no Brasil*, publicada em 1975; seja como editor de coleções que se tornaram referência obrigatória para gerações de estudantes de ciências sociais a partir do anos 1980, como a Coleção Grandes Cientistas Sociais, publicada pela Editora Ática, e a Coleção Pensamento Socialista, publicada pela Editora Hucitec; seja como publicista, escrevendo semanalmente no jornal “A Folha de São Paulo” artigos de opinião tratando de temas cruciais do nosso cotidiano político (*Nova República?* e *Que tipo de República?* são alguns dos títulos de livros publicados por Florestan Fernandes naquele período); seja como professor da pós-graduação na PUC de São Paulo (*A natureza sociológica da*

sociologia; Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana; são exemplos de livros resultado de apontamentos de aulas ministradas na PUC-SP, o que só pode ocorrer depois de 1977, pelo enfretamento realizado por Dom Paulo Evaristo Arns com o governo militar então vigente); seja ainda como Deputado Constituinte eleito pelo Partido dos Trabalhadores para o primeiro mandato (1987-1990) e Deputado Federal no segundo mandato (1991-1994).

Nos 8 anos de mandato público, Florestan Fernandes permaneceu ao lado dos movimentos sociais e “dos de baixo”, aqueles mesmos que tinham ocupado o foco de suas pesquisas empíricas durante a fase especificamente acadêmica (1941-1969).

A tensão presente na trajetória de Florestan Fernandes entre socialismo e sociologia parece ter sido moldada pelos rumos da história, pelas condições sociais, pelos limites dos horizontes de atuação e transformação de uma sociedade periférica que vivencia todas as “potencialidades” (ou seria misérias?) de um capitalismo dependente e selvagem. Trata-se da análise do processo de construção social de um capitalismo difícil, restrito e limitado que produz, para se manter funcional ao capital hegemônico global, uma forma de dominação específica, a autocracia burguesa, responsável pelo controle e asfixia de qualquer sopro de democratização nestes tristes trópicos.

Dialeticamente, a Universidade da “comunhão paulista”, forjada pelas elites econômicas locais, produziu (sem perceber, talvez) aquele que foi um dos principais críticos da ordem social burguesa (competitiva, era o termo usado por Florestan), um intelectual que viveu a cisão entre ciência e política, sociologia e socialismo, da forma mais construtiva que conhecemos em nossa breve história intelectual e cuja obra continua a nos desafiar no tempo presente.

O dossiê que ora apresentamos à leitora e ao leitor, junta-se a um conjunto amplo de homenagens e celebrações realizadas durante o ano de 2020: seminários, mesas-

redondas, palestras, peça de teatro, livros, artigos, vídeos, rodas de diálogo ... foram muitas as manifestações vindas do mundo acadêmico, do mundo político, dos movimentos sociais, dos coletivos, do mundo das artes. Em todos esses cenários o pensamento de Florestan – e sua ação – despontavam como um desafio permanente aos seus intérpretes, cabendo a pergunta: de onde vem a vitalidade do pensamento de Florestan Fernandes? Esperamos que possam encontrar nos textos aqui reunidos, majoritariamente produzidos por jovens pesquisadores, ao lado de autoras e autores já consagrados, na sociologia, na antropologia e na ciência política feitas no Brasil. O Programa de Pós-graduação em Sociologia e o Departamento de Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco têm a alegria de entregar ao público uma leitura atualizada de dimensões importantes da obra de Florestan Fernandes. Trata-se de uma amostra da sua gigantesca produção dentro e fora da academia. Esperamos que a leitora e o leitor encontrem, como nós, nas reflexões de uma nova geração de pesquisadoras e pesquisadores, razões para continuar a luta antirracista, a luta em defesa da Escola Pública e do Sistema Universal de Saúde (SUS), enfim, encontrem razões para lutar pela democratização radical da nossa sociedade. A história individual de Florestan Fernandes foi marcada por duas ditaduras. Podemos extrair daí elementos de análise de processos de longa duração que nos afetam, hoje, lembrando a metáfora do “circuito-fechado”. Por isso, acreditamos que esta homenagem é antes de tudo um ato político, um ato intelectual, um ato de resistência democrática!

Na abertura do dossiê trazemos dois depoimentos. O primeiro, de Barbara Freitag-Rouanet, trata dos vários encontros entre a jovem estudante de sociologia, de origem alemã, com o sociólogo já renomado da Universidade de São Paulo. Encontro esse determinante em sua própria trajetória. O segundo, *(a)Os pés do Professor Florestan*, de Mariza Peirano, é uma reflexão em torno do encontro da jovem antropóloga com o Mestre

Florestan. É um texto com jeito poético em quem a autora revê, para além do encontro original, outros que foram costurando as análises sempre desafiadoras do Professor Florestan. Os dois depoimentos revelam sentidos profundos de um *ethos* profissional compartilhado pela socióloga Barbara e pela antropóloga Mariza em seus encontros com o mestre Florestan Fernandes.

Organizamos os demais artigos em uma sequência, em princípio, cronológica, considerando como temas e problemas, pesquisas empíricas e reflexões teóricas foram se formando e se entrelaçando na trajetória de Florestan Fernandes. Assim, será possível se deparar com os estudos sobre os Tupinambá, o folclore, os imigrantes, o dilema racial, as classes sociais, a sociologia da moral, o modelo autocrático-burguês, o socialismo, o papel político dos intelectuais na América Latina, e, por fim, a organização do Fundo Florestan Fernandes na Universidade de São Carlos, espaço fundamental para o desenvolvimento de novas pesquisas.

Em *Os Tupinambá e uma nova interpretação da conquista na antropologia de Florestan Fernandes*, Fátima Silveira e Sedi Hirano retomam as obras clássicas e outros ensaios do autor sobre a organização social, a função da guerra e as reações à conquista dos povos tupinambás contra o invasor branco, com a intenção de argumentar que tais escritos de Florestan Fernandes não permanecem fossilizados no passado. Ao contrário, seus trabalhos sobre os Tupinambá sugerem caminhos de pesquisa e atuam como fontes de inspiração para a antropologia do presente, para o questionamento do colonialismo mental e, por fim, para se pensar o mundo social a partir das perspectivas e visões de mundo dos próprios povos originários. Assim, os autores contrariam a visão dominante de que as pesquisas sobre os Tupinambá foram importantes apenas para o período de formação de Florestan Fernandes. Ao contrário, esses estudos constituem o ponto de

partida de uma nova interpretação sobre o Brasil, antagônica ao mito da mistura das três raças e do protagonismo civilizador do invasor branco, português.

O artigo de Wilson Rogério Penteado Jr., *Diálogos possíveis em campos intercambiáveis – Florestan Fernandes e os Estudos de Folclore no Brasil*, reconstrói a polêmica entre os folcloristas e Florestan referente ao estatuto de cientificidade ou não dos estudos folclóricos. É lugar comum se atribuir a Florestan Fernandes uma depreciação do Folclore, como disciplina especificamente voltada para o saber popular, negando-lhe as pretensões de se afirmar como ciência. Penteado Jr. demonstra, ao contrário, que o sociólogo paulistano valorizava o Folclore como disciplina humanística, sinalizando que a importância e a qualidade do conhecimento que estava em condições de oferecer não está vinculada à sua caracterização ou não como ciência. Para Fernandes, a ciência não seria a única forma válida de conhecimento e, por isso, sua posição seria a de lutar por um diálogo interdisciplinar entre o Folclore e as ciências sociais.

O artigo de Márcio de Oliveira, *A contribuição de Florestan Fernandes à Sociologia da Imigração no Brasil nas décadas de 1940 a 1970: relevância e deslocamento temático*, traz uma contribuição inovadora para se pensar a incursão do sociólogo paulistano nos estudos sobre imigração, explicando as razões históricas do enfoque aculturativo para o exame da inserção socioeconômica dos imigrantes na sociedade nacional e suas relações com o capitalismo brasileiro. O autor trabalha com documentação original e propõe novos caminhos, não só para o estudo da trajetória do subcampo da sociologia da imigração no Brasil, mas também para a interpretação de aspectos pouco abordados da obra sociológica de Florestan Fernandes. Aparentemente marginal, a temática da imigração assume lugar central na interpretação de dimensões históricas decisivas da sociedade brasileira, tais como elaboradas em *A integração do negro na sociedade de classes* e *A revolução burguesa no Brasil*.

O artigo de Paulo Henrique Fernandes Silveira, *Florestan Fernandes e a questão do negro: batalhas acadêmicas e políticas*, desvela as disputas intelectuais, a um só tempo políticas e científicas, que Florestan Fernandes trava com as interpretações prevalecentes sobre a condição do negro no Brasil. Ao fazer ecoar as vozes e interpretações do movimento negro nas pesquisas do Projeto Unesco de relações raciais, realizada em pareceria com o antropólogo e seu ex-professor Roger Bastide, Florestan Fernandes demonstra que a Abolição não resultou na reparação e preparação dos ex-agentes do trabalho escravo para atuarem e competirem em condições de igualdade na nova ordem social então emergente e, por isso, terminou por constituir uma solução política das, para e pelas elites brancas das classes dominantes. A sua interpretação sociológica se torna, nesse sentido, um arsenal a serviço dos movimentos negros e de suas lutas históricas, que se prolongam hoje no século XXI. Não seria por acaso que uma intelectual, filósofa e militante como Lélia González iria se apropriar criticamente e radicalizar algumas das contribuições de Florestan Fernandes, tornando ainda mais atual o legado do sociólogo para a luta antirracista no Brasil.

O artigo de Aristeu Portela Jr., *Uma “ótica nova” sobre as relações raciais no Brasil: contribuições de Florestan Fernandes e Abdias Nascimento*, se complementa com o texto anterior em termos de um olhar voltado para o passado, mas que procura ao mesmo tempo descortinar o presente e projetar o futuro. O que Florestan e Abdias, citados por seus primeiros nomes, como numa das passagens do texto justifica o autor do artigo, teria a nos dizer para os combates antirracistas atuais? Portela Jr. vai buscar sua resposta no exame aprofundado que ambos os pensadores fazem do “mito da democracia racial”. As batalhas históricas de Abdias e Florestan, dois irmãos de luta, eram para desmascarar a violência encoberta do racismo e, agora, a violência escancarada do racismo levanta novas questões para os movimentos antirracistas, os quais devem aproximar negros e

brancos na defesa de uma mesma causa. As conquistas das ações afirmativas criaram uma reação de polo oposto, reacionária e conservadora, que nos ajudam a identificar os verdadeiros inimigos da plena democracia, pois estes passam a explicitar uma violência secular que nunca fora varrida completamente e, por isso, sempre latente. O desafio duplo hoje seria muito maior, combater o “mito da democracia racial” e afrontar a violência explícita de um colonialismo fascistizado e racista. Sem dúvida, Abdias e Florestan são pensadores com os quais se cumpre dialogar para seguirmos adiante.

O trabalho de Vitor Tavares Bahia – *Florestan Fernandes e a sociologia da moral: uma presença ausente?* – aproxima as considerações de Florestan Fernandes contidas em *A integração do negro na sociedade de classes* e, em seguida, sobre sua caracterização teórica da dependência e do capitalismo brasileiro de problemáticas clássicas, modernas e contemporâneas de uma sociologia da moral. Avançada na forma de pergunta, os argumentos construídos revelam a presença constante de aspectos e conceitos morais nas análises sociológicas de Florestan sobre os diversos dramas/dilemas sociais brasileiros, sem que tais elementos tenham recebido em sua obra um tratamento mais específico, explícito e sistemático. A presente discussão sobre a sociologia da moral em Florestan Fernandes abre novas perspectivas para se compreender, dentre outras coisas, o sentido sociológico mais preciso do uso da noção de anomia em suas obras, a exemplo de sua já citada tese de cátedra sobre as relações raciais entre negros e brancos na sociedade de classes, e o teor não economicista de sua sociologia do subdesenvolvimento e da dependência no Brasil e América Latina. A sociologia econômica de Florestan Fernandes não seria, nesse sentido, economicista, como erroneamente sugerem alguns de seus críticos, mas analisa a economia sob o prisma mais amplo das condições sociais de existência, culturais, políticas e ideológicas.

Ana Rodrigues Cavalcanti Alves, em *Apontamentos sobre o conceito de classe social em Florestan Fernandes*, assume uma estratégia argumentativa e expositiva em que a categoria de classe social em Florestan passa a atuar como o eixo central de análise do conjunto da sua obra sociológica. Esta talvez não seja uma intenção inteiramente explícita e consciente da autora, mas ao reconstituir de modo tão competente a noção de classe social em Florestan Fernandes, atravessando diferentes fases de sua produção acadêmica e política, cremos que está assentada uma via original de reinterpretação da quase totalidade dos escritos do sociólogo paulistano. Ao reconstituir a noção de classe social como uma categoria sintética, expressa em um texto teórico do próprio Florestan Fernandes em fins da década de 1940 e, em seguida, no desdobramento dos diversos momentos de sua trajetória, ao mostrar como essa noção foi retrabalhada para dar conta das múltiplas realidades do capitalismo dependente e, ao mesmo tempo, da complexidade das lutas sociais, as quais envolvem outras dimensões fundamentais como a raça, a autora nos permite, de modo muito original, pensar um novo caminho de avaliar as continuidades e descontinuidades conceituais, teóricas e metodológicas do autor de *A revolução burguesa no Brasil*. Além disso, apontar a presença da dimensão cultural na conceituação das classes sociais por Florestan Fernandes nos conduz a uma verdadeira “rotação de perspectivas”, que terminam por desafiar as interpretações equivocadamente economicistas de suas reflexões sobre o capitalismo dependente.

Em *Modelo autocrático-burguês: uma sociologia do desenvolvimento desigual e combinado*, Lucas Trindade da Silva retrabalha a complexa síntese teórica contida no clássico *A revolução burguesa no Brasil*, em especial seus dois últimos capítulos. A partir de uma discussão dos diálogos intelectuais de Florestan Fernandes com as tradições marxistas e sociológicas que se debruçam sobre as teorias do desenvolvimento desigual e combinado, Trindade da Silva argumenta corretamente que não se pode reduzir aquela

síntese teórica a uma ou outra de suas influências, ou melhor, das obras e autores com as quais se estabelece um profícuo debate. A teoria do desenvolvimento desigual e combinado de Florestan Fernandes, sua síntese histórico-sociológica heterodoxa, não será *trotskista*, nem *leninista*, muito menos de quaisquer outras influências externas, mas simplesmente florestânica. Mais do que perceber a importância de uma influência ou outra na obra de Florestan Fernandes na formulação da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, o mais importante seria inquirir como este sociólogo foi capaz de construir um modelo altamente sofisticado de interpretação e, ao mesmo tempo, que opera rente ao solo histórico concreto. Do ponto de vista metodológico, o presente artigo repõe os termos exatos em que o pensamento de Florestan Fernandes deve ser estudado, não como mera imitação, cópia ou decalque de seus precursores intelectuais, mas como reelaboração original, autônoma e própria, das teorias e mudanças históricas vivenciadas pelo sociólogo paulistano.

Em *Florestan Fernandes, um pensador radical*, Caio Navarro de Toledo interpela uma leitura parcial da obra de Florestan que reduz o intelectual ao acadêmico, colocando para debaixo do tapete uma importante faceta do autor: o socialismo. Fundamentando-se em análises de Florestan sobre sua trajetória e o sentido do político, Toledo afirma: “Para os que, nos meios acadêmicos e intelectuais, hoje optaram pelo *cinismo da razão* e pelo *pessimismo da vontade* – na exata inversão do que postulou Gramsci –, as palavras de Florestan [sobre a relevância do socialismo na sua (r)existência] não deixariam de soar patéticas ou quixotescas. No entanto, longe da simples retórica e da profissão de fé, Florestan Fernandes expressava com inteira autenticidade a *segunda natureza* – tal como ocorreu com o comunista sardo – que nele se plasmou harmoniosamente, resultado de sua aguda sensibilidade humana e radical intolerância diante de todas as formas de opressão e exploração sociais”. Estamos de acordo que o socialismo de Florestan se constitui como

uma dimensão essencial de seu pensamento sociológico, dele inextirpável. O cientista social rigoroso se complementa no socialista, e vice-versa. Sua posição marxista, portanto, não pode ser encarada como mera profissão de fé ideológica, mas fundamentalmente como uma atitude ética exigente em face da realidade social que o conduz a uma atitude rigorosa, igualmente exigente, diante do conhecimento da sociedade em transformação histórica. Não seria apesar do socialismo, mas por conta mesmo do socialismo, que Florestan Fernandes emerge muito especialmente a partir da década de 1970 como um dos cientistas sociais mais rigorosos e exigentes.

Em *O papel político do sociólogo na América Latina: diálogos entre Fals Borda e Florestan Fernandes*, Diogo Valença de Azevedo Costa e Edcarlos Ribeiro Bomfim tematizam as afinidades e algumas divergências entre as visões políticas das ciências sociais entre o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda e Florestan Fernandes. Além disso, um dos objetivos do artigo foi levantar novas hipóteses sobre o lugar de Fernandes no conjunto das ciências sociais latino-americanas. O contraponto com Fals Borda foi importante para demonstrar que o sociólogo brasileiro se distancia de uma perspectiva epistemológica positivista, afinada com a defesa da neutralidade axiológica, nas ciências sociais e pode ser considerado uma das figuras mais essenciais da “sociologia comprometida” no América Latina.

No artigo de Vera Lucia Cósia, *Biblioteca, museu e arquivo Florestan Fernandes: a gênese intelectual de um sociólogo*, somos apresentados com um rico relato de experiência profissional no processo de implementação da biblioteca e arquivo pessoal de Florestan Fernandes, disponíveis na Biblioteca Comunitária da Universidade Federal de São Carlos (BCo/UFSCar). A Unidade de Multidisciplinar de Memória e Arquivo Histórico (UMMA) é hoje responsável pela guarda, manutenção e conservação da Biblioteca Florestan Fernandes e de outras coleções especiais. Vera Lúcia Cósia foi

responsável, durante dezesseis anos, pelo então Setor de Coleções Especiais (COLESP) e esteve à frente do projeto para a construção do Fundo Florestan Fernandes, iniciando todo o trabalho de organização arquivística dos documentos pessoais (cartas, manuscritos, folhetos etc.) pertencentes ao sociólogo paulistano. A autora também nos descreve detalhadamente o conteúdo da Biblioteca e do Fundo Florestan Fernandes, informação de grande interesse para futuras/os pesquisadores nas ciências sociais.

O dossiê que agora temos o prazer de apresentar revela, não apenas a vitalidade da obra sociológica de Florestan Fernandes, mas também indica que uma construção teórica tão complexa, rica e multifacetada só poderá ser aproveitada em toda sua extensão se projetos coletivos de pesquisa forem elaborados de modo solidário, cooperativo e baseado no respeito mútuo entre os pares intelectuais. Por essa razão, gostaríamos de deixar registrado uma palavra de agradecimento muito especial às e aos pareceristas que colaboraram conosco. Este foi um trabalho de organização feito com muito entusiasmo pelos editores e com profundo debate e contribuição da comunidade acadêmica, nada mais próximo do espírito do conhecimento que se produz coletivamente, mais um legado do nosso Mestre Florestan Fernandes.

Recife /Muritiba/Aldeia, 18 de dezembro de 2020.